

NA HORA DE DORMIR

A silhouette of a three-masted sailing ship is centered in the lower half of the image, sailing on a dark, calm sea. The ship's sails are partially unfurled. In the background, a large, bright, glowing full moon dominates the upper left portion of the frame, casting a soft light on the water. The sky is a deep, dark blue with some wispy clouds. The overall mood is serene and quiet, fitting the title 'NA HORA DE DORMIR'.

Peça infantil de
WILLIAM MENDONÇA

NA HORA DE DORMIR

de William Mendonça

Peça infantil para dois atores
escrita por William Mendonça.
Texto inédito

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.
Montagens apenas com expressa autorização do autor.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
NA HORA DE DORMIR
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
54 p.; 12 x12 cm
1 - Teatro, infantil

Publicado no site do autor em 19/10/2011
www.williammendonca.com

Contatos para montagens: will_mendonca@yahoo.com.br

NA HORA DE DORMIR

ÍNDICE

5 - Sobre a peça

7 - Prólogo

13 - Cena 1 - Peter Pan

28 - Cena 2 - Alice no país das maravilhas

41 - Cena 3 - Copélia

51 - Sobre o autor

SOBRE A PEÇA

NA HORA DE DORMIR

A peça infantil NA HORA DE DORMIR é um texto que surgiu da observação dos filhos do autor, que sempre conversaram e contaram histórias mirabolantes, retardando a chegada do sono na hora de dormir. Os fatos do dia-a-dia, os filmes que viam, um livro, uma música, tudo era motivo para mais uma animada conversa entre as crianças.

William Mendonça, com a peça, quis dar a dois atores a experiência de viver novamente a infância - duas crianças, com um baú cheio de coisas legais, encenando e vivendo as histórias que contam, enquanto divertem o público. Para cada ator, vários personagens, a partir das crianças Bóris e Tatiana.

A escolha das cenas não foi aleatória - Peter Pan, clássico de J. M. Barrie, levado ao cinema várias vezes, é um texto sobre o fim da infância, assim como Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Copélia é uma história imortalizada pelo balé. Outras histórias poderiam ser adaptadas, livremente, dentro do sistema - o que o autor deixa à disposição de outros autores e diretores. Sigam a trilha.

Para meus filhos
Eduardo
Amanda
Débora
e Fellipe.

Para os filhos deles,
que ainda virão.

Para todos os que
escrevem para crianças
respeitando o que a infância
tem de melhor:
a liberdade de sonhar.

PRÓLOGO

Sótão da casa da vovó Laura. Luz baixa - abajur ligado. Tudo arrumado

VOVÓ: (Fora de cena) Boa Noite, crianças. Apaguem a luz antes de deitar ... Durmam bem!

BÓRIS e TATIANA: (entrando em cena, de pijamas) Boa noite, vovó!

BÓRIS: (pulando na cama) Pôxa, Tati. A vovó Laura até que é legal ... mas sempre manda a gente dormir cedo. Será que ela pensa que a gente ainda é pequeno?

TATI: Também, coitada, ela só vê a gente nas férias ... (deita, comportada)

BÓRIS: É ... Aqui é muito longe lá de casa. E é frio pra caramba!

TATI: Vai ver que é por isso que se chama Friburgo.

BÓRIS: Deve ser ...

TATI: (apaga o abajur - penumbra) Não sei porque, mas eu só consigo dormir quando eu não fico pensando que tenho que dormir ... Se ficar pensando, não durmo ...

BÓRIS: (acende a abajur) E eu detesto dormir no escuro. Coisa mais sem graça. Lá em casa tem tantos prédios em volta, tem a luz da rua, aquela confusão da cidade. Mas aqui é tudo quieto ...

TATI: (olhando o teto) Um carneirinho ... Dois carneirinhos ... Três carneirinhos ...

BÓRIS: (interrompendo) Ah! Tati, isso não! Que coisa chata!

TATI: Só porque você é mais velho! Aposto que você contava carneirinhos quando era pequeno.

BÓRIS: Mas não quando tinha dez anos como você ...

TATI: (pensativa) É mesmo ... será que eu tô velha demais pra contar carneirinhos!?

BÓRIS: E como!

TATI: Quer dizer que eu tô deixando de ser criança? Eu não quero isso ... tá bom assim - você já viu como os adultos vivem?

BÓRIS: Vivem arrumando confusão ... a gente pergunta alguma coisa, e eles nem se dão ao trabalho de responder.

TATI: Só a vovó Laura é que conversa. Ela até conta histórias, lembra de coisas de quando era criança.

BÓRIS: É que gente velha é mais legal. Fica parecida com criança. Gosta de conversar, de brincar. O vovô também era assim ...

TATI: Ah! Eu não lembro direito dele não ...

BÓRIS: É que quando ele morreu você só tinha três anos.

TATI: É, não lembro mesmo ...

BÓRIS: (levanta-se da cama e começa a imitar) Ele vinha pra cá na hora de dormir e ficava tocando violão, contando histórias. Fingia que era pirata, que era mágico, que era o Rei da Espanha ... Aí pegava um chapéu no baú e dançava pra gente.

TATI: Pôxa, que vô legal! Como é que eu fui esquecer dele, Bóris?

BÓRIS: (outro tom) Papai disse que é assim mesmo ... (anima-se) Vovô dizia que ia me ensinar a tocar violão, mas não deu tempo. Aí papai me ensinou - só que vovô tocava melhor (pega o violão e toca umas notas).

TATI: (vai revirar um dos baús) Eu gosto de vir aqui por causa desses baús!

BÓRIS: Eles foram da mãe do vovô. Devem ter um tempão!

TATI: E essas roupas ... são tão bonitas! Parece coisa de sonho! (remexe no baú, revirando as roupas que estão lá dentro).

BÓRIS: Ah! aqui é um lugar super legal - apesar do frio. Tem aquela biblioteca enorme...

TATI: É, nunca vi tanto livro dentro.

BÓRIS: Papai dizia que quando era criança, ele se escondia na biblioteca pra ficar lendo histórias de mistério - aquelas com detetives.

TATI: Sei, sei. Tem aquele que fala “elementar, meu caro Watson!”...

BÓRIS: Sherlock Holmes!

TATI: Isso ... Ah! e tem aquele francês bigodudo, que plantava abóboras ...

BÓRIS: Não era francês, Tati - era belga. É o Hercule Poirot.

TATI: Belga? E quem é belga nasce aonde?

BÓRIS: Na Bélgica, ora!

TATI: Isso deve ser longe, heim!

BÓRIS: É ...

TATI: Mas porque será que papai tinha que se esconder pra ler?

BÓRIS: É que vovó achava que ele era muito novo pra ler essas coisas.

TATI: Ah! Bobagem!

BÓRIS: Sei lá, talvez tenha motivo. Você tem 10 anos e ainda não leu nenhum.

TATI: Li sim - quer dizer, li uns pedaços ... só que eu não gostei muito não ... Eu prefiro coisas engraçadas, ou românticas.

BÓRIS: Então, vai ver que criança tem que ler só coisas engraçadas e românticas ...

TATI: Ah! Você é criança e lê esses livros!

BÓRIS: Criança, não! (faz pose de mais velho) Eu sou é pré-adolescente! Tá escrito naquele livro de psicologia da mamãe. Pré-adolescente!

TATI: Isso é conversa fiada, Bóris. Você tá é no meio do caminho - nem deixou de ser criança, nem virou adolescente. Igual aquela história do Peter Pan - daqui a um tempo você vai crescer e esquecer as histórias que contava e ouvia quando era criança.

BÓRIS: Mas você também vai crescer ...

TATI: Só que depois de você.

BÓRIS: Isso é chato ... (pensativo) Será que eu vou ficar diferente quando crescer?

TATI: Você? Se piorar estraga, se melhorar (faz suspense) ... Se melhorar vai ficar o maior irmão do mundo!

BÓRIS: Valeu, irmãzinha! (anima-se e vai remexer o baú) Ih! Olha só o que tem aqui! (coloca um chapéu verde) Caramba! (encontra uns sapatos de duende e coloca. Pega uma pequena espada de plástico). Isso me lembra outra história!

CENA 1 - PETER PAN

Personagens:

Bóris - Peter Pan; Capitão Gancho

Tatiana - Wendy; Sininho; Capitão Gancho

TATI: E qual é, Bóris?

BÓRIS: (virando-se) Agora eu sou Peter Pan! Que tal?

TATI: Nada mal ... mas você não devia estar na Terra do Nunca?

PETER: Pois é, vou para lá ... Até mais ver! (Sai correndo, mas no caminho deixa a sua sombra - que pode ser um véu negro, recortado, e deixado na saída).

WENDY: Peter, espere! Você perdeu a sua sombra! Peter? Ah! meu Deus, ele já foi - mas eu vou guardar a sua sombra até ele voltar. (pega a sombra no chão e exhibe para o público) Já sei, vou guardar no baú (guarda-a e senta-se na cama. Fala para o público) Sabe, hoje é a última noite em que eu durmo neste quarto de criança. Meu pai disse que eu já estou crescida e preciso “assumir minhas responsabilidades”... (levanta-se) Mas por que é que a gente tem que crescer? Tá tudo tão bom assim - brincar, ouvir histórias, cantar. Meus irmãos menores vão continuar sendo crianças, mas eu vou ter que começar a ficar adulta ... E as minhas bonecas? Será que

eu vou ter que deixar aqui? (desanima-se) Se tivesse outro jeito ...

PETER: A-Ha! Menina, você roubou minha sombra!

WENDY: Eu!?

PETER: Eu já estava voltando para a Terra do Nunca e vi que não tinha mais sombra ...

WENDY: É claro! Você perdeu aqui, quando saiu correndo.

PETER: É!?

WENDY: É, mas eu guardei.

PETER: (faz uma reverência) Eu agradeço, senhorita!

WENDY: Ora, não há de que ... Eu não guardei para você. Eu a quero pra mim (faz charme).

PETER: Ah! Uma menina implicante. Eu adoro as desse tipo. Qual é o seu nome?

WENDY: Wendy Moira Angela Darling!

PETER: (Impaciente) É muito longo! Wendy basta.

WENDY: (fica ansiosa e começa a falar rápido) Eu sabia que você existia. Conto histórias sobre você para os meus irmãos, falo sobre a Terra do Nunca, a fada Sininho, que te ajuda, os Garotos Perdidos e até sobre o Capitão Gancho e seus piratas. Eu adoro contar histórias, sabia? E as suas são as melhores, com muita aventura e magia, e brincadeiras. Minha mãe me contava sobre você: Peter Pan - o menino que não quis crescer. Mas eu acho que as pessoas não acreditam mais em você quando crescem - acho que param de sonhar, ou esquecem daquilo que brincavam quando criança ... Você não acha?

PETER: Pôxa, você fala, heim!

WENDY: Ah! Me desculpe - é que de vez em quando eu não consigo me controlar.

PETER: Tudo bem, eu gostei de você ... (nota a ansiedade de Wendy) Você está preocupada com alguma coisa?

WENDY: É que amanhã eu vou crescer - quer dizer, eu vou mudar de quarto e assumir as minhas responsabilidades ... Foi o que meu pai disse.

PETER: Mas pra que isso?

WENDY: Não sei ... Acho que é assim mesmo.

PETER: Não! Não tem que ser. Veja, olhe para mim - eu não cresci!
Eu sou uma criança comum!

WENDY: Não, você é um ser mágico - é uma história ...

PETER: Você também pode ser ... Venha comigo, para a Terra do Nunca.

WENDY: O que? Não, não posso! ... Tem a minha família ...

PETER: Ora, eu serei a sua família. Eu e os garotos perdidos. Ah! e tem a Sininho, também!

WENDY: E eu poderia voltar?

PETER: (desconversa) Bem ... quer dizer ...

WENDY: E então? Responda, Peter!

PETER: Olha, Wendy, poder voltar você até pode: é só você decidir que quer continuar crescendo, envelhecendo (desdenha), ficando cheia de rugas e com aquela cara fechada dos adultos. Mas eu aviso - até hoje, ninguém que foi para a Terra do Nunca comigo quis voltar. (gaba-se) Todo mundo prefere a vida de aventuras ao meu lado.

WENDY: Tá, eu vou! Sei que posso tomar a decisão de voltar ... afinal, eu tenho vontade própria.

PETER: (desdenha) Sei, sei ...

WENDY: E então, como vamos?

PETER: (pega o pó mágico no bolso e joga sobre Wendy) Voando! Esse é um pó mágico. Com ele, nós conseguimos voar. A Terra do Nunca fica bem ali (aponta) seguindo a segunda estrela, direto até de manhã. Vamos! (puxa Wendy. Saem de cena por um lado, e entram por outro).

WENDY: Nossa! ... A viagem era mais rápida do que eu pensava. Mas aonde estão os garotos perdidos?

PETER: Não sei - mas fiquei preocupado. Eles sempre sabem quando eu chego, e deviam estar aqui.

WENDY: Será que aconteceu alguma coisa?

PETER: Eu vou procurar a turma. Fique aqui - é seguro. Sininho deve saber aonde eles estão (sai).

WENDY: É, meus dias aqui começaram bem. (senta-se) Tô com

uma saudade de casa ... acho que fiz uma besteira deixando tudo para trás ... E ainda mais isso - cheguei aqui e não tem ninguém. Só tem uma coisa que me preocupa - será que o sumiço dos Garotos Perdidos tem o dedo do Capitão Gancho?

GANCHO: (entra em cena, sorrateiro. Fala para o público) É claro que sim! (para Wendy) Ora, ora, vejo que Peter Pan andou conquistando mais gente para sua gangue ...

WENDY: (assusta-se) Capitão Gancho!

GANCHO: Pelo visto, minha fama vai longe ... E olha que eu nem faço propaganda.

WENDY: E o que você faz aqui, velho pirata?

GANCHO: (indignado) Pirata, sim! Velho, de jeito nenhum. Aqui na Terra do Nunca, o tempo não passa.

WENDY: (ironiza) Sinal de que você é velho há muito, muito tempo.

GANCHO: Mas quem é você, menina petulante?

WENDY: Wendy.

GANCHO: Só isso? Não tem sobrenome, nem família?

WENDY: Aqui não - deixei tudo pra trás ... até meu nome.

GANCHO: (pensativo) Eu só queria saber como é que Peter Pan consegue isso - tirar crianças bem nascidas de suas casas e trazer para esse fim de mundo.

WENDY: Magia, Capitão! Peter Pan é a nossa infância, nos chamando ... E isso o senhor nunca vai entender.

GANCHO: Pode ser ... Mas de uma coisa eu tenho certeza: eu só conseguirei colocar as mãos em Peter Pan quando tiver capturado todo o seu bando ... e agora, Wendy, na minha conta só falta você.

WENDY: (assusta-se) O quê!?

GANCHO: (joga um lençol sobre Wendy, amarra-a rapidamente e sai carregando a menina) Ah! Agora sim, nada vai atrapalhar meu plano. (antes de sair olha para o público) Será que algum desses aí também é do bando de Peter Pan? Não, acho que não ... (sai, deixando uma mensagem para Peter. Música incidental de suspense).

PETER: (fora de cena) Wendy, Wendy! Gancho capturou os garotos perdidos - todos eles! (entra em cena) Wendy!? Mas eu disse pra ela não sair daqui. Ué, o que é aquilo!?! (nota a mensagem do

Capitão Gancho) Estranho! (pega e lê) “Caro Peter Pan, estou com todos os seus amigos irritantes no calabouço do meu navio. Entregue-se ou eu vou jogar um por um aos tubarões fa-min-tos a partir de hoje, ao meio dia. Do seu eterno rival, Capitão Gancho!” (rasga o bilhete) Mas que salafrário. Por que será que ele não luta como um homem?

SININHO: Ora, Peter, porque ele é o vilão da história, e os vilões sempre são assim ... sujos, malvados.

PETER: Sininho! Que bom que você veio!

SININHO: Pensei que você estivesse com aquela ... menina! (mostra ciúme).

PETER: Você sabe que ninguém vai te substituir ... Além do mais, Sininho, agora não é hora para ciúmes.

SININHO: (disfarçando) Ciúmes? Mas quem está com ciúmes?

PETER: (dá uma gargalhada) Você é ótima!

SININHO: (contente) Você acha?

PETER: Claro! Principalmente quando me ajuda a vencer o velho Gancho, aquele ... aquele ...

SININHO: Calma! Acho que dessa vez só tem uma saída - você vai lá enfrentar o velho pirata, enquanto eu solto os meninos ...

PETER: E a menina!

SININHO: Tá bom, a menina também. Eu vou na frente e só começo a agir quando você começar a confusão, tá certo? (vai saindo).

PETER: Tudo bem, fadinha! (preocupado) Mas que chato! Eu trago a Wendy pra cá e aí - pronto, ela é raptada por aquele pirata. Assim ela não vai querer ficar ... (sai).

GANCHHO: (agora encenado por Tati - entra impaciente) Será que Peter Pan é um covarde? Até agora não respondeu ao meu desafio - mas tudo bem, tempo não é problema aqui na Terra do Nunca.

PETER: (fora de cena) U-hu! Capitão Gancho! Adivinhe quem veio para festa ...

GANCHHO: Peter Pan! (Peter entra) Já não era sem tempo.

PETER: (puxa a pequena espada) En Garde!

GANCHHO: Touché! (saca a espada) É hoje, Peter Pan! Você verá com quantos paus se faz uma caravela de três mastros!

PETER: Só sei contar até dez, marujo! (começam a luta. Música agitada. Peter pula sobre as coisas, rola no chão, etc, mostrando muito mais agilidade que o velho pirata. Gancho se cansa mas, de repente, encurrala Peter Pan na frente do palco).

GANCHHO: E então, Peter Pan, pronto para andar na prancha? Os tubarões estão esperando por você!

PETER: (olha para baixo) Tenho outros planos, gancho! (um som, ao fundo, vai crescendo - um “tic-tac” de relógio). Acho melhor que você dance com uma certa cro-co-di-la!

GANCHHO: Não me provoque, seu pequeno petulante. (avança para Peter com a espada, mas ele sai da frente. Gancho se desequilibra, ameaça cair, mas Peter o segura pela roupa) Não me largue! Não me largue!

PETER: Estou pensando se vale à pena ...

GANCHHO: Eu faço o que você quiser ... mas não me deixe cair na boca daquela croco - croco - crocodila!

PETER: Então diga - “Eu sou um bobão!” (Gancho reluta, balança a cabeça) Vamos, diga!

GANCHHO: (choramingando) “Eu sou um bobão!”

PETER: (puxa Gancho de volta) Ah! Eu sabia disso. Agora, velho marujo, vá embora! Vá!

GANCHO: (ameaça atacar, mas recua) Você me paga, Peter Pan! Nossa história está apenas começando!

PETER: Vai, Gancho, desaparece! (Gancho sai. Peter gargalha, feliz com mais uma vitória). Sabe o que é bom nessas histórias, gente? É que o mocinho sempre vence no final - e o mocinho sou eu. Isso, então, é o máximo! (ri novamente) Nada se compara a uma vida de aventuras - aqui eu sou o herói, eu tenho fama, eu sou amigo do rei e tudo mais. Peter Pan - um nome que é uma lenda! Imaginem só o que eu seria no mundo real? Um menininho comum, quem sabe ... Ih!, caramba, será que a Sininho conseguiu salvar os garotos, e a Wendy?

WENDY: (entrando) Conseguiu sim, Peter. Foi fácil, ela é uma fada.

PETER: Wendy! Que bom que você está bem! E os outros?

WENDY: Eu pedi para falar a sós com você um pouco. É muito importante.

PETER: O que é?

WENDY: É que eu vou voltar para casa. Eu quero que o tempo

continue valendo pra mim - eu quero crescer, quando for a hora certa de crescer ...

PETER: Eu sabia, foi muita confusão aqui hoje! Isso te assustou, não foi?

WENDY: (rindo) Não, de jeito nenhum! Eu sei que você sempre vence - e, afinal, eu adoro as suas histórias. É só que eu não ser viver perdida ... Eu tenho um lar, uma família, um nome ...

PETER: (interrompendo) ... Um nome bem grande ...

WENDY: É sim ... e é com eles que eu quero ficar.

PETER: Eu entendo - você é muito diferente de mim. Eu não tenho família, nada me prende ao mundo real.

WENDY: Você pode me visitar de vez em quando...

PETER: Só nos sonhos, Wendy ... Mas não deixe que o mundo me esqueça! Conte as minhas histórias aos seus filhos, e aos filhos deles.

WENDY: Sempre, amigo! Tchau - e cuidado com o Gancho!

PETER: Aquele velho pirata é a maior diversão da minha vida -

Tchau, Wendy! (Wendy acena e sai. Peter senta-se na cama) Por que será que todo mundo prefere crescer? (tira os adereços de Peter Pan, colocando-os no baú, e volta a ser Bóris)

TATI: (entrando) Nossa, que história movimentada, irmãozinho!

BÓRIS: (pensativo) Por que será que a Wendy preferiu crescer, ao invés de ficar lá na Terra do Nunca, brincando o resto da vida?

TATI: (guardando as roupas de Wendy no baú) Vai ver que brincar o tempo todo não tem graça.

BÓRIS: A gente também tá crescendo, Tati. Daqui a pouco acaba isso tudo, e o que é que vai ser?

TATI: Vovô sempre dizia: “A gente é criança o tempo todo. É que de vez em quando a gente brinca de ser adulto, mas depois isso passa!”.

BÓRIS: É, dessa eu não lembrava ...

TATI: Papai é que me contou. (outro tom) Pôxa, Bóris, já deve ser tarde. Daqui a pouco vovó vem mandar a gente deitar.

BÓRIS: Ela deve estar vendo televisão ...

TATI: Que nada, ela gosta é de ler ...

BÓRIS: Vovô dizia que “quem lê viaja por um montão de países imaginários, conhece gente nova, inventa novas histórias”...

TATI: Sabe, o primeiro presente que ele me deu foi um livro - quando eu nasci.

BÓRIS: E pra mim também. Dizia que era pra pegar a criança no berço.

TATI: Só ele mesmo pra pensar assim!

BÓRIS: Vovô era um cara sabido - de vez em quando inventava uma coisa dessas. Gente assim deve ir pro céu, né, Tati ...

TATI: Ou então pro País das Maravilhas ...

BÓRIS: (anima-se e levanta) Ei, dessa história eu gosto muito ... Aquele monte de gente maluca cruzando o caminho da Alice ...

TATI: Ei, Bóris, já está tarde ... Vovó vai dar uma bronca daquelas na gente!

BÓRIS: Ah! Tati, a gente tá de férias. Tem que aproveitar cada minuto. Peraí! (corre até um dos baús, revira as coisas e encontra

uma máscara, com antenas, e uma camisa com listras horizontais. Veste-se) Que tal?

TATI: Horrível!

BÓRIS: Vamos, Tati, colabore - sem você não dá pra contar a história ...

TATI: (reluta) Não sei, não ...

BÓRIS: (senta-se sobre um baú) Ah! Tati! Olha só, agora eu sou aquela lagarta doidona da história ... (pega um cachimbo)

TATI: (Vestindo os adereços de Alice que pega no outro baú) Tá bom, lagartão ...

CENA 2 - ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Personagens:

Bóris - Lagarta; Coelho; Gato; Lebre; Chapeleiro; Rainha de Copas

Tatiana - Alice

LAGARTA: (falando sempre lentamente) Quem ... é ... você ..., menina?

ALICE: Olha, até uns segundos atrás eu sabia ... podia garantir que era uma menina comum, querendo dormir - mas agora, não sei nem aonde estou. Tudo aqui parece estranho! Primeiro foi aquele poço - caí nele e fui caindo, caindo sem parar, e via um monte de coisas passando - até que apareceu aquele coelho maluco, vestido de fraque e cartola, agarrado com um relógio, dizendo o tempo todo que estava atrasado. Depois, então, eu encolhi e cresci, e encolhi de novo, e agora estou aqui - deste tamaninho, na frente de uma lagarta que fala.

LAGARTA: Não vejo nada de estranho nisso ...

ALICE: Então você é louca também.

LAGARTA: E o que você quer, menina?

ALICE: Queria crescer alguma coisa. Dez centímetros de tamanho é tão pouco ...

LAGARTA: (zangada) Ora, é uma boa altura!

ALICE: (tentando contornar) Eu sei, mas não é a que eu costumava ter. (à parte) É pena que as pessoas se ofendam por tão pouco ...

LAGARTA: (mais calma) Com o tempo você vai se acostumar à sua nova estatura (leva o cachimbo à boca e fuma, distraidamente).

ALICE: (à parte) E mais essa, uma lagarta fumante! (para a lagarta) Você não tem medo de que isso faça mal à sua saúde? (a lagarta ignora) Bom, porque eu iria me espantar com alguém fumando em um lugar onde todo mundo é maluco? Só sendo maluco mesmo pra fumar ...

LAGARTA: (distráida) O que você disse?

ALICE: Que você podia dar mais atenção à nossa conversa ...

LAGARTA: E nós, por acaso, estamos conversando?

ALICE: Eu já nem sei mais ...

LAGARTA: Um dos lados pode fazer você crescer, e o outro vai

reduzir o seu tamanho ...

ALICE: (pensando alto) Lados? Que lados? (para a lagarta) Lados do que, heim?

LAGARTA: Do cogumelo (aponta para o baú).

ALICE: Ahn! (a lagarta desce, calmamente, e vai saindo sem se preocupar com Alice) Olha só, nem pra dizer tchau! Povo estranho esse aqui ... E agora, qual lado faz crescer, e qual faz encolher? Se eu diminuir mais vou sumir. (pega um “pedaço” imaginário de cada lado do cogumelo/baú) Só tem um jeito - vou ter que arriscar. (titubeia e come um pouco do lado esquerdo. Com sombras, criar a sensação de encolhimento) Não! Ah! Meu Deus, errei. (come às pressas um pouco do outro pedaço. Efeito inverso das sombras) Que isso!? Estou crescendo rápido demais! Que droga, será que isso não vai acabar? (senta-se) Quer saber - cansei disso!

COELHO: (entra correndo) Estou atrasado para o jogo de “croquet” da Rainha. E você, não vai?

ALICE: (tonta) Vou aonde? O quê?

COELHO: Estou atrasado ... (sai)

ALICE: (percebendo o que aconteceu) Ah! É aquele coelho ... não sei porque tanta pressa em um lugar onde nada acontece - quer

dizer, acontece sempre ao contrário. E o pior - como é que se volta? (roda, olhando em volta) Eu nem sei mais para onde ir agora ... (percebe um gato, sentado sobre um tamborete - uma árvore hipotética. Pensa um pouco e aproxima-se, cautelosa) Gatinho ...

GATO: (com um sorriso, quase miando) Que é? ...

ALICE: Gatinho, você pode me dizer que caminho eu devo seguir?

GATO: Isso depende ...

ALICE: De quê?

GATO: Depende do rumo que você deseja tomar.

ALICE: Eu não tenho destino certo ...

GATO: Ora, então qualquer caminho é bom!

ALICE: Só se me conduzir a algum lugar.

GATO: Ah! Isso com certeza! O que é preciso é que você ande um bocado ...

ALICE: Ahn ... (fica pensativa e arrisca mais uma pergunta) Me diga, gatinho: que espécie de gente vive por aqui?

GATO: Neste caminho (aponta para um lado) vive um Chapeleiro e deste outro (aponta) vive uma Lebre de Março. A questão é a seguinte - tanto faz visitar a Lebre ou ir à casa do Chapeleiro, porque os dois são completamente malucos.

ALICE: (preocupada) Mas então quer dizer que eu vou ter que viver entre doidos?

GATO: Que jeito? Aqui é assim mesmo - estamos todos doidos. Eu estou, você também ...

ALICE: E como você sabe que eu estou maluca?

GATO: Ora, deve estar, do contrário não teria vindo aqui.

ALICE: (incomodada) E você, como sabe que também é doido?

GATO: É fácil ... Você não acha que os cachorros são doidos, acha?

ALICE: Não ... acho que não, por que?

GATO: Pois é - um cão rosna quando se zanga e balança o rabo quando está contente, não é? (Alice concorda com a cabeça) Pois eu rosno quando me sinto satisfeito, e balanço a cauda quando estou de mau humor. Resumindo: eu estou maluco.

ALICE: Ora, uma coisa é rosnar e outra é roncar ... Os gatos roncam!

GATO: Dá tudo na mesma. (outro tom) E aí, você também vai jogar “croquet” com a Rainha?

ALICE: Eu até que gostaria, mas ainda não fui convidada.

GATO: Lá a gente se encontra. (sai rápido. Alice procura o Gato, mas desiste de encontrá-lo).

ALICE: Já conheço bastante gente que está mal da cabeça. Quer saber, eu acho que vou ver essa tal Lebre de Março ... como nós estamos em maio, quem sabe se a maluquice dela já passou?

GATO: (reaparecendo) No que é que você estava pensando?

ALICE: (contrariada) No que não te interessa - e, aliás, seria melhor que você não aparecesse e desaparecesse tão bruscamente, como faz - isso me dá até medo!

GATO: Está bem! (vai saindo de cena aos poucos, fazendo pose, com uma careta no final)

ALICE: Era só o que me faltava ... Bem, deixa eu ver o que há com

a tal da Lebre de Março (dá uma volta no palco, caminhando em sentido contrário) Tomara que não seja lá muito longe. (a Lebre entra, rápida, em cena. Senta-se no chão, junto à ponta de um baú, como se fosse uma mesa. Alice está distraída e se assusta quando nota a presença da Lebre) Ei, de onde veio esse bicho? (para a Lebre) Posso sentar aqui?

LEBRE: (aos gritos) Não tem lugar! Não tem lugar!

ALICE: Mas como pode ser isso? (fica indignada e senta-se assim mesmo, no outro lado do baú)

LEBRE: Você quer provar um pouco do nosso vinho?

ALICE: Não vejo vinho de espécie alguma aqui nessa mesa!

LEBRE: É porque não tem vinho mesmo! (ri)

ALICE: Não é muito delicado me oferecer o que não existe.

LEBRE: Também não é delicado sentar-se à mesa sem ter sido convidada.

ALICE: Eu não sabia que essa mesa era sua - parece que está posta para muitas pessoas.

LEBRE: Ah! Tem outras pessoas sim ...

ALICE: Verdade!?

LEBRE: Claro! Tem o rato, que dorme, e dorme tanto, que me tira o sono. E há o chapeleiro, que é meio complicado e vive criando enigmas.

ALICE: Enigmas, eu adoro enigmas!

LEBRE: Hoje cedo o Chapeleiro me fez uma pergunta que eu não consegui responder ... Qual a semelhança entre uma mesa de escritório e um corvo? (Alice fica pensativa, distrai-se e não nota que a Lebre sai de cena).

ALICE: (levanta-se e caminha, distraída - pensando no enigma) Pôxa, mas esse é complicado mesmo! Qual a semelhança entre uma mesa de escritório e um corvo ... (entra o Chapeleiro. Alice não nota) Sinceramente, Dona Lebre ... (vira-se e se espanta ao ver o Chapeleiro) Ué? Cadê a Lebre?

CHAPELEIRO: Está em algum lugar ...

ALICE: Até aí eu sei ...

CHAPELEIRO: Então, por que perguntou? (Alice bufa, irritada) Já

resolveu o enigma, senhorita?

ALICE: Enigma? Ah! sim, o enigma - não, não resolvi. Desisto. Qual é a solução?

CHAPELEIRO: Não sei ... não tenho a menor idéia!

ALICE: Acho que você poderia fazer alguma coisa melhor do que dizer enigmas que nem você sabe resolver. Está é perdendo o seu tempo.

CHAPELEIRO: Ah! menina, se você conhecesse o tempo como eu conheço, não falaria em perdê-lo.

ALICE: Meu Deus, só tem maluco mesmo ...

CHAPELEIRO: Quem é maluco?

ALICE: A Lebre ... e ela está indo por ali (aponta. O Chapeleiro sai, apressado, enquanto Alice suspira de alívio) Vocês estão vendo só. Se eu continuar por aqui muito tempo, não vou mais me recuperar. Ah! Ainda tem o tal jogo de “croquet” com a Rainha de Copas - e eu nem o que é isso - mas, a essa altura, isso nem tem importância ... (anda distraidamente, quando aparece a Rainha, com um passo forte, quase masculino)

RAINHA: (autoritária) Você! (Alice se espanta) Sabe jogar “croquet”?

ALICE: Eu!? Não, não sei ...

RAINHA: Ah! Que bom, eu adoro jogar contra quem não sabe!

ALICE: E como é?

RAINHA: Ora, é simples: você joga, joga, joga ... e EU ganho! Se perder, corto-lhe a cabeça!

ALICE: Dessa parte eu não gostei.

RAINHA: É mesmo? Pois é a que eu mais gosto ...

ALICE: (com uma reverência) Acho que terei que recusar o convite.

RAINHA: (aos berros) Cortem-lhe a cabeça! Guardas!

ALICE: Isso está ficando cada vez pior ... Tudo bem, majestade, eu jogo!

RAINHA: Agora não quero mais ... (outro tom) Ah!, menina, você já viu uma falsa tartaruga?

ALICE: Não, e para que serve?

RAINHA: Para fazer sopa de falsa tartaruga.

ALICE: Eu, heim! Que estupidez!

RAINHA: (irritada) Guardas! Cortem a cabeça dessa insolente! Guardas! (ninguém aparece. Fica insegura) Guardas? Ué, aonde estão os guardas?

ALICE: (tirando um baralho do bolso) Aqui, bem aqui na minha mão - todo o naipe de copas ... até o rei!

RAINHA: Não! Você não pode fazer isso!

ALICE: Não, Rainha - você é apenas uma carta de baralho. E o baralho é só papel! (joga o baralho no chão e ele cai, com um barulho muito forte. A Rainha se joga no chão e começa a recolher as cartas, chorando)

RAINHA: Meus guardas ... meus guardinhas, tão bonitinhos ... meus guardas ... (saí, choramingando)

ALICE: Ufa! Já tive emoções demais pra tão pouco tempo. (senta-se na cama) Essa história é maluca demais (deita-se, enquanto vai tirando os adereços e a roupa de Alice. Adormece)

BÓRIS: (voltando à cena) Tati! E aí, gostou da história? (ela não responde) Tati!? (chega perto e cutuca a irmã) Ta - ti - a - na!

TATI: (levanta) Hã? Que foi? É o coelho?

BÓRIS: Sou eu, maninha.

TATI: Bóris! (boceja) Só você mesmo - resolve contar essa história doida e nem me deixa dormir ... Eu estou morta! Nunca conversei com tanta gente maluca assim.

BÓRIS: Você ficou cansada!? E eu, que fui coelho, lagarta, gato, lebre, chapeleiro - e até rainha!? Você, pelo menos, foi só a Alice ...

TATI: É, até que pensando assim ... Vai, Bóris, apaga a luz pra gente dormir .

BÓRIS: Tá, eu apago (vai até o abajur, mas não apaga) Não, perafá!

TATI: Pôxa, Bóris, você não tem sono não?

BÓRIS: Nas férias!? De jeito nenhum!

TATI: Aí, amanhã, a gente não consegue acordar ...

BÓRIS: Que nada! A gente tá em fase de crescimento ... crescimento da imaginação!

TATI: Pronto, agora vai filosofar ... Bóris, você não tem jeito mesmo!

BÓRIS: Ah! vai me dizer que você está morrendo de sono ...

TATI: Pra falar a verdade, o sono passou - também, você fala pra caramba!

BÓRIS: Tá bom, então fala você!

TATI: Eu!? Falar o quê?

BÓRIS: Sei lá! Conta uma história que você goste.

TATI: (pensa alguns instantes) Já sei! Tem aquela história de um balé ...

BÓRIS: (decepcionado) Balé!? ...

TATI: Deixa de ser bobo! Os balés têm um monte de histórias legais. Não sei porque menino fica sempre cheio de coisa quando a gente fala em balé ...

BÓRIS: Deixa pra lá, Tati! E qual é a história?

CENA 3 - COPÉLIA

Personagens:

Bóris - Sr. Copélius; Franz

Tatiana - Copélia; Nilda

TATI: Você vai ser o senhor Copélius, o fabricante de brinquedos que tinha poderes mágicos.

BÓRIS: Ah! dessa eu lembro! Ele cria uma boneca linda, quase perfeita, igualzinha a uma pessoa.

TATI: Isso! E então começa a tratar a boneca como se fosse sua filha. (vai até o baú e pega a roupa da boneca Copélia).

BÓRIS: Entendi!

COPÉLIUS: (procura no outro baú um bigode postiço e um chapéu. Fala com um leve sotaque alemão) Tudo bem! Agora eu sou o senhor Copélius e você ... (volta-se para falar com Tati, mas ela já está caracterizada como Copélia, sentada imóvel ao lado do baú) E você é a minha maior criação. Meu Deus, em toda a minha vida como fabricante de brinquedos quis criar a boneca perfeita. E você é quase uma pessoa! É tão bonita como uma estrela ao abrir a noite. Que maravilha! (levanta a boneca e a coloca como um manequim. Roda

em volta) Eu quase não acredito que fui eu que a fiz. Em todos os meus anos de solidão, os brinquedos foram minha companhia - mas você é especial. Você será minha filha - e se chamará Copélia! (coloca-a novamente sentada, em um ponto destacado da cena - onde ela é altamente iluminada) Você ficará aqui, nesta janela, para que todos na cidade vejam a bela filha que eu tenho. Você é tão real, que ninguém saberá que é uma boneca. Agora preciso ir ao mercado ... volto já, Copélia. (sai. A boneca permanece alguns segundos. Bóris transforma-se rapidamente em Franz, um jovem que se deslumbra ao ver Copélia).

FRANZ: (entrando, distraído) Nossa, como a minha namorada é ciumenta! Eu não posso olhar pra menina nenhuma que pronto: ela fica uma fera! (para o público) Mas eu sou um cara legal, e não tenho olhos pra mais ninguém ... (interrompe bruscamente quando vê a boneca Copélia) Caramba! (pergunta ao público) É ... é ... é de verdade!?! Aquela moça ali parece uma deusa grega - não, celta, ou egípcia, sei lá - só sei que é uma maravilha! Nem parece real. Mas o que ela está fazendo na casa do velho Copélius? Eu nunca soube que ele tivesse parentes. Já sei, vou acenar para ela. (faz um aceno e Copélia, é claro, não responde) Vai ver que ela não me viu ... Olá, senhorita! Eu sou Franz, ao seu dispor! Ué, também não responde ... será que é estrangeira? Ah! deve ser, nunca vi beleza igual por aqui ... (Franz volta-se para o público. Numa mudança de luz, Tati sai de cena - deixa uma boneca no lugar - e transforma-se em Nilda, a namorada de Franz.) Preciso descobrir

quem ela é - afinal de contas, quando uma deusa chega à cidade eu preciso marcar presença. Uau! Ela é demais, não é mesmo? (vai saindo, volta-se e vê a luz apagada onde estava Copélia) Ué, apagaram a luz ... Será que ela não gostou da minha conversa? (sai)

NILDA: (entrando em cena, furiosa) Ah! se eu pego aquele ... (interrompe quando percebe o público. Recupera a pose) Desculpe, gente, é que o meu namorado está me tirando do sério ... Vocês não viram ele por aqui? - é assim mais ou menos dessa altura, cabelos curtos, magrinho ... Pois é, eu estou sempre atrás dele e ele atrás das outras moças. (entra Franz)

FRANZ: Nilda, meu amor!

NILDA: (furiosa, de novo) É Svanilda para você, Franz!

FRANZ: O que é isso, Nildinha. (se aproxima) Por que você está assim tão nervosa?

NILDA: Você sabe direitinho, Franz! Já soube que você ficou trocando acenos e galanteios com a filha do senhor Copélius ...

FRANZ: (animado) Filha! Eu nem sabia que ele tinha filha!

NILDA: Pois é, ninguém sabia - ela morava em outro país. E você,

apressadinho, já ficou de acenos para ela, não é?

FRANZ: Ora, eu só quis ser amável.

NILDA: Sei, sei - amável, não é? Que tal ser mais amável comigo, pra variar!

FRANZ: Então case-se comigo, Nilda! Vamos ao padre no final de semana - que tal?

NILDA: Não!!! (faz pirraça)

FRANZ: Por quê!?

NILDA: Eu sei que você está é de olho no presente do rei ...

FRANZ: (disfarçando) Presente do rei?

NILDA: Não se faça de bobo, Franz. O rei chega aqui na sexta e vai dar um grande presente a todos que se casarem durante a festa que ele vai dar no domingo ... E você pensa que me engana!

FRANZ: Não, Nildinha, eu juro que é sério. A gente se casa e vive feliz pra sempre ...

NILDA: Se a sua vontade de casar ainda for a mesma na segunda-

feira, depois da festa, a gente conversa, tá bom! (sai, batendo os pés)

FRANZ: Pôxa, que menina radical! Hoje ela está terrível ... Bem que dessa vez ela tem razão - até que o presente do rei não ia cair mal. Mas agora eu estou preocupado com outra coisa - eu tenho que falar com a filha do Copélius. De repente ... (Nilda aparece em cena e fica escutando) De repente pode ser o amor da minha vida. Eu gosto muito da Nilda, mas ela não me compreende. Eu gosto de música, e ela do silêncio. Eu quero dançar, e ela quer ficar sentada, lendo um livro ... Nós somos diferentes - tomara que a filha do Copélius me entenda ... (sai)

NILDA: Ah! Não, Franz, eu não vou deixar você fugir de mim pra ficar com aquela moça que ninguém conhece, ninguém viu ... Não, eu vou lá e vou dizer a ela que você é comprometido. Quem sabe nós não ficamos amigas ... (sai de cena. Mudança de luz, penumbra. Nilda fala fora de cena) Olá, alguém em casa? Olá! Quero falar com a filha do Sr. Copélius! (como ninguém responde, ela entra, cautelosa) Olá, tem alguém em casa? (acende a luz e a boneca Copélia aparece, novamente iluminada) Nossa! Quanta coisa! Ele deve viver fazendo brinquedos. (vê Copélia e se assusta) Oh! Me perdoe, moça, eu queria falar com você e pensei que a casa estivesse vazia! (olha novamente e nota algo de errado) Olá! (chega perto e se assusta) Cruzes! É uma boneca! Ma - mas parece mesmo que está viva ... Então quer dizer que o Franz está gostando de

uma boneca, de um brinquedo - ha! ha! ha!, ele é um bobão mesmo! (um barulho na porta, Nilda corre e se esconde, atrás da boneca).

COPÉLIUS: (entrando) Copélia, minha filha, você é o assunto da cidade - uma bela jovem que todos querem conhecer. Só falta ainda uma coisa - dar vida a você! Copélia! É só um rapaz se apaixonar por você que, com a minha magia, vou trocar a vida dele pela sua. (outro tom) Já tenho quase tudo preparado. Basta um beijo apaixonado para que você passe a ter vida. É uma pena, mas o rapaz terá que morrer ... Agora vou lá dentro terminar as poções que faltam. (sai. Nilda fica desesperada)

NILDA: Meu Deus, ele vai tirar a vida de Franz e dar para a boneca. Copélius é um bruxo! - Preciso fazer alguma coisa! (vai até a boneca e, rapidamente, troca de roupa com ela e assume o seu lugar) Eu vou enganar esse bruxo! (fica imóvel)

COPÉLIUS: (voltando) Ah! minha menina, se existisse outro jeito, eu não trocava a vida de ninguém pela sua - mas eu já usei todas as magias que conheço e nada deu certo. Eu preciso que você viva, que dance e cante e me conte histórias. Eu quero uma filha de verdade, uma filha que eu nunca tive.

COPÉLIA (NILDA): Pois eu estou aqui, pai!

COPÉLIUS: O quê!? Copélia, você ... você está viva?

COPÉLIA: Sim, pai, Deus me deu alguns minutos de vida para evitar que você faça uma loucura.

COPÉLIUS: Como?

COPÉLIA: Tirar a vida de alguém não é o jeito certo de me fazer viver! Eu vim lhe dizer isso, e pedir que não faça mal a alguém que você nem conhece e que, se vier até aqui, é porque gosta mesmo de mim.

COPÉLIUS: Minha filha, eu estava desesperado! Você é tão perfeita, que só faltava estar viva! Mas agora está ...

COPÉLIA: Só por alguns momentos. Depois voltarei a ser uma boneca. Por favor, esqueça essa bruxaria e me deixe ser o que realmente sou.

COPÉLIUS: Mas ...

COPÉLIA: É o que eu quero, pai - e é o certo.

COPÉLIUS: (cabisbaixo) Eu sei, Copélia. Não faz sentido mesmo ...

COPÉLIA: Mas antes de voltar a ser boneca, quero que o senhor me acompanhe numa valsa ...

COPÉLIUS: Valsa!? Mas é o meu sonho! (começa a música. Os dois dançam animadamente).

COPÉLIA: Pai, faça uma pequena boneca, que tenha a minha forma, e entregue ao primeiro rapaz que se apaixonar por mim. Ele saberá que sou uma boneca, mas que agradeço o seu amor.

COPÉLIUS: Farei sim - e farei muitas Copélias para as crianças que não têm brinquedos. (dançam mais um pouco e param).

COPÉLIA: Pai ...

COPÉLIUS: Eu sei ... é a hora do sonho acabar.

COPÉLIA: Não, pai - em cada novo brinquedo que você fizer, em cada criança que você tornar feliz, eu ficarei feliz também. Lembre-se de que somos todos seus filhos.

COPÉLIUS: Ah! minha filha, espere - eu tenho um presente pra você, que guardei para o seu primeiro baile. (sai de cena. Nilda, rapidamente, devolve as roupas para Copélia, coloca-a no seu lugar e se esconde para observar).

NILDA: Coitado, ele só queria uma filha de verdade ... Acho que acabei dando um pouco de alegria a ele.

COPÉLIUS: (entrando, com um xale nas mãos) Copélia ... (percebe que ela é novamente uma boneca) Ah! Que pena que esse sonho terminou! (acaricia a boneca) Copélia ... você me ensinou muito - qualquer vida tem valor, e eu nunca mais vou tentar essa magia ... nunca mais! (coloca o xale sobre os ombros da boneca) Ah! Minha filha, eu vou cumprir minha promessa. Esses minutos valeram por uma vida. (abraça a boneca. Tati sai do esconderijo e volta a ser ela mesma)

TATI: Depois disso, Copélius dedicou sua vida a dar alegria às crianças com seus brinquedos. Franz e Nilda voltaram a ficar juntos e riram muito da paixão dele por uma boneca.

BÓRIS: (tirando o bigode e o chapéu de Copélius) E, no casamento, dos dois receberam um presente do rei ...

TATI: Não te disse que o balé tem histórias muito legais?

BÓRIS: É mesmo!

TATI: Vovô tinha uns livros com essas histórias ... cheios de fotos e desenhos, com aquelas bailarinas lindas ...

BÓRIS: Eu lembro deles ... será que estão na Biblioteca?

TATI: Devem estar ...

BÓRIS: Pô, já deve ser tarde pra caramba!

TATI: Você é que começou com essa história de contar histórias ...

VOVÓ: (fora de cena) Bóris e Tatiana! Vocês ainda estão acordados? Já passou da hora de dormir, crianças!

OS DOIS: Tá bom vovó! Boa noite! (Bóris vai apagar o abajur)

TATI: (rindo) Crianças ...

BÓRIS: Ei, Tati, lembra daquela? (blackout. Música final)

FIM

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca guitarra, bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas

também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 22 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - é diretor do jornal O VERBO, que circula em Tanguá e Itaboraí. Mantém em atividade desde 2006 o site **www.williammendonca.com**.

NA HORA DE DORMIR

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.
Montagens apenas com expressa autorização do autor.

Publicado no site do autor em 19/10/2011
www.williammendonca.com

Contatos para montagens: will_mendonca@yahoo.com.br